

John RUSKIN (1819-1900) e a *Lâmpada da Memória*



Profa. Maria Lucia Bressan Pinheiro



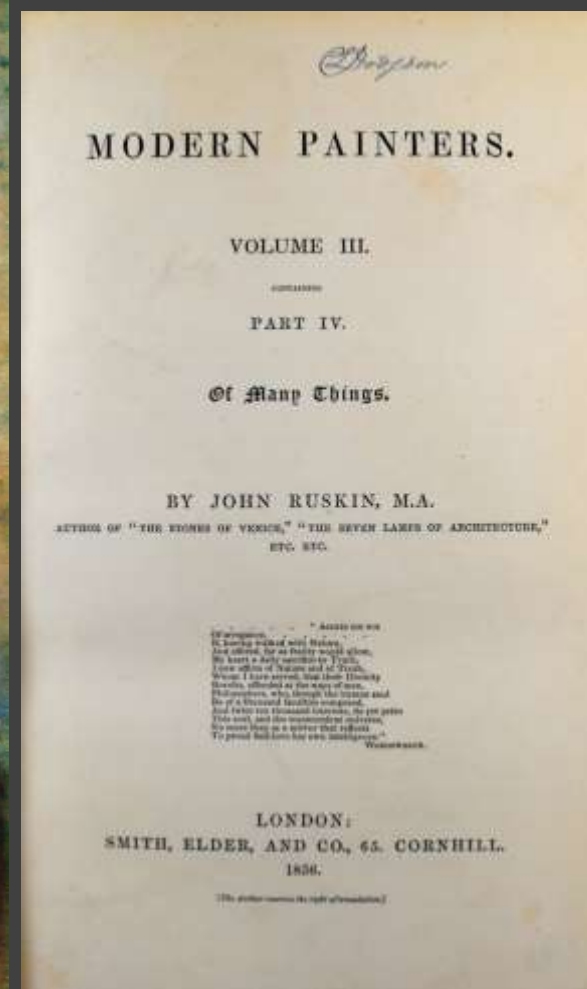
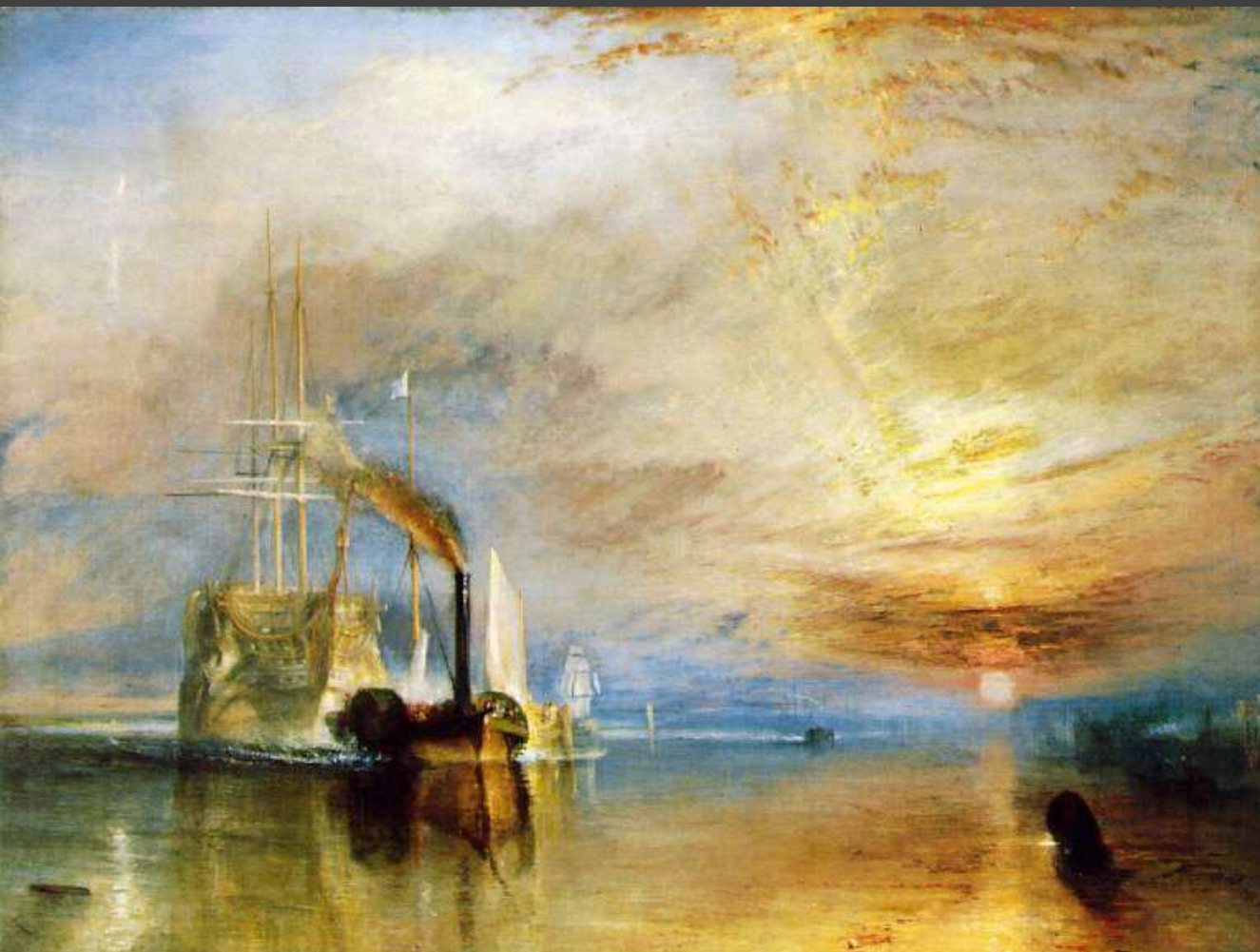
Estudo de um ramo de Myrtle Tree (c. 1877).



Chalé suíço.
Kata Phusin (Conforme a Natureza). *The Poetry of Architecture*, 1838.

“O quanto [o mito de Guilherme Tell] significava para todos nós, - o quanto ele profetizava para mim, nenhum viajante moderno poderia imaginar, mesmo se eu passasse dias tentando dizê-lo.

Para nós, cada palavra dele era verdade – mas miticamente luminosa, para além da verdade mortal; e aqui, sob os bosques negros, brilhava o seu testemunho visível, belo, tangível em madeira avermelhada, esculpida com perfeição pela alegria da vida camponesa, constante, imóvel lá na sombra dos pinheiros de seu relvado ancestral, - sem atacar e sem ser atacado, na ventura da pobreza honrada, da paz religiosa.”



O intrépido 'Temerário' rebocado para seu ancoradouro para ser destruído. William TURNER



Temos estudado e aperfeiçoado bastante, ultimamente, a grande invenção civilizada da divisão do trabalho; apenas, nós lhe damos um nome falso. Não é, verdadeiramente falando, o trabalho que é dividido; mas os homens – despedaçados em pequenos fragmentos e migalhas de vida; de tal forma que o pequeno pedaço de inteligência que resta em um homem não é suficiente para fazer a ponta de um alfinete, ou a cabeça de um prego.

(A natureza do Gótico, § XVI)

The Nature of Gothic, impresso por William Morris. Kelmscott Press, 1892.

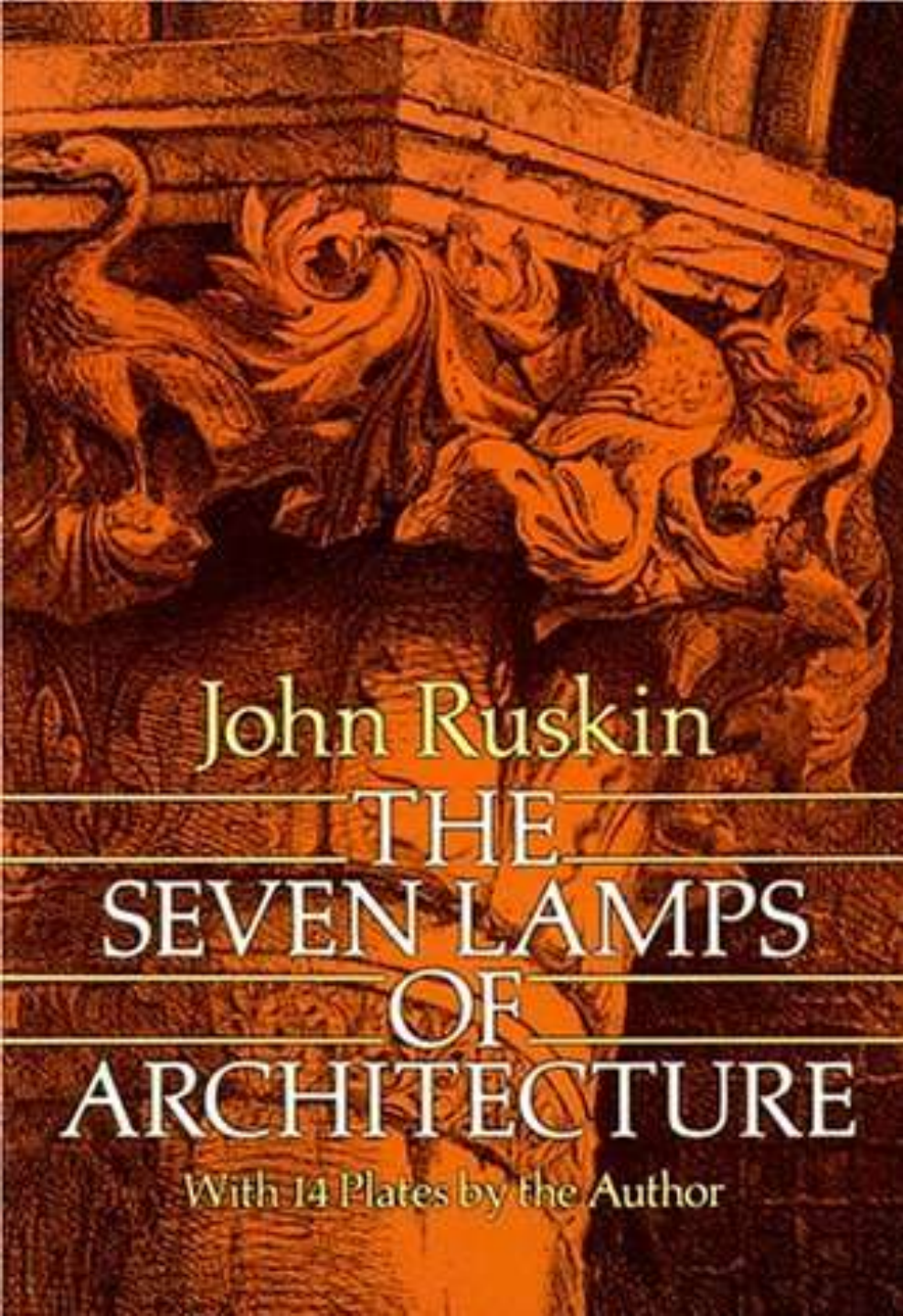


“Meus esforços visam não a transformar um carpinteiro em artista, mas em torná-lo mais feliz como carpinteiro.”



Museu de São Jorge, atual *Ruskin Gallery*, Sheffield:
“...uma sala aonde qualquer um possa ir todo dia e
sempre ver apenas coisas boas nela...”



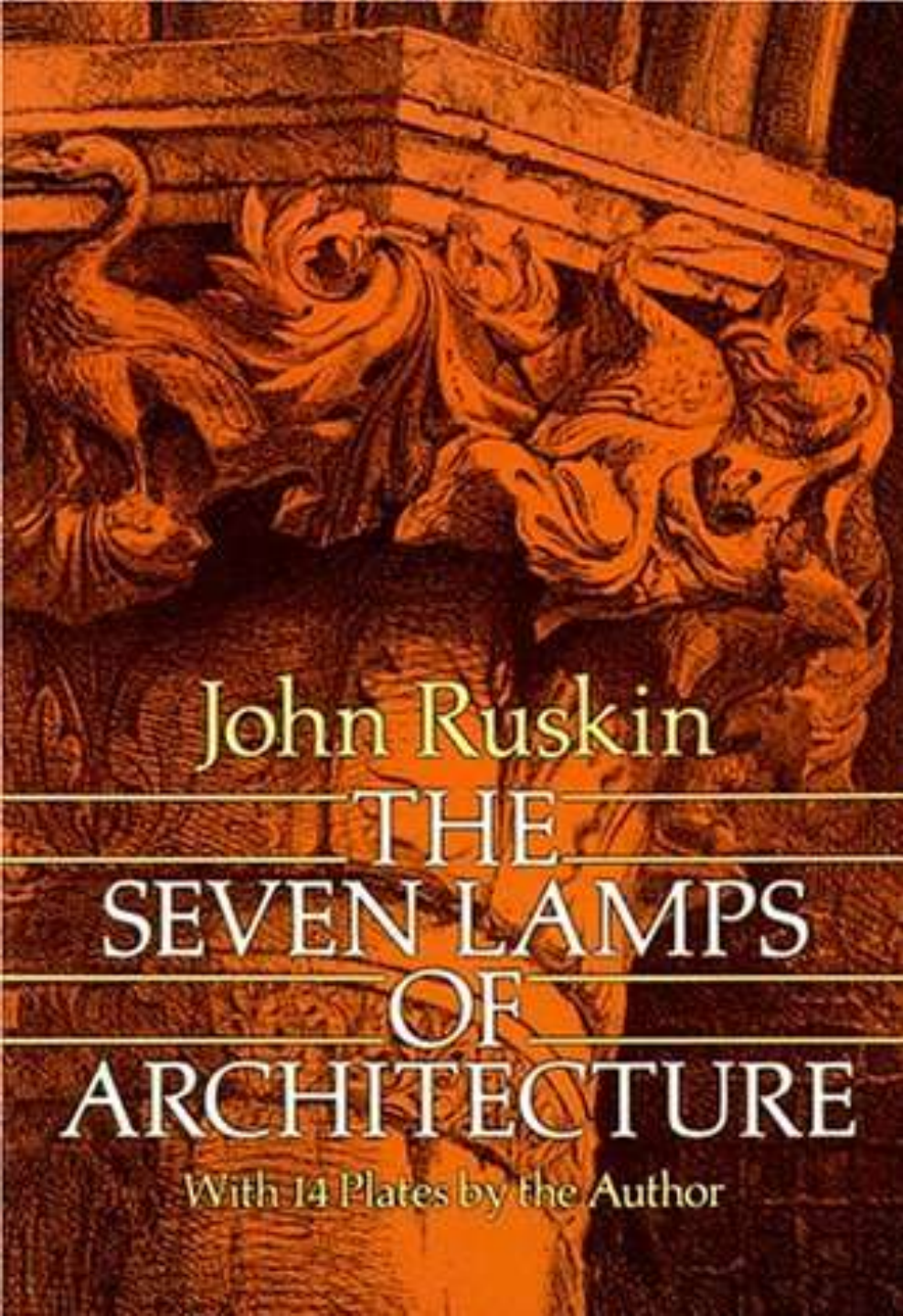


John Ruskin
THE
SEVEN LAMPS
OF
ARCHITECTURE

With 14 Plates by the Author

“E olho para essas lastimáveis concreções de cal e argila que brotam, precocemente emboloradas, dos campos comprimidos em volta da nossa capital – para essas cascas finas, instáveis, sem fundações, de lascas de madeira e imitação de pedra; para essas fileiras esqueléticas de mesquinhez formalizada, semelhantes sem diferença e sem solidariedade, tão solitárias quanto similares – não apenas com a repugnância indiferente da visão ofendida, não apenas com pesar diante de uma paisagem profanada, mas com um penoso sentimento de que [...] essas habitações sem conforto e sem dignidade indicam um tempo em que a aspiração de cada homem é estar em uma esfera mais elevada do que aquela que lhe é natural, e que a vida passada de cada homem é seu objeto de desprezo habitual; quando os homens constroem na esperança de abandonar os lugares que construíram, e vivem na esperança de esquecer os anos que viveram ...”

(A Lâmpada da Memória, § III)

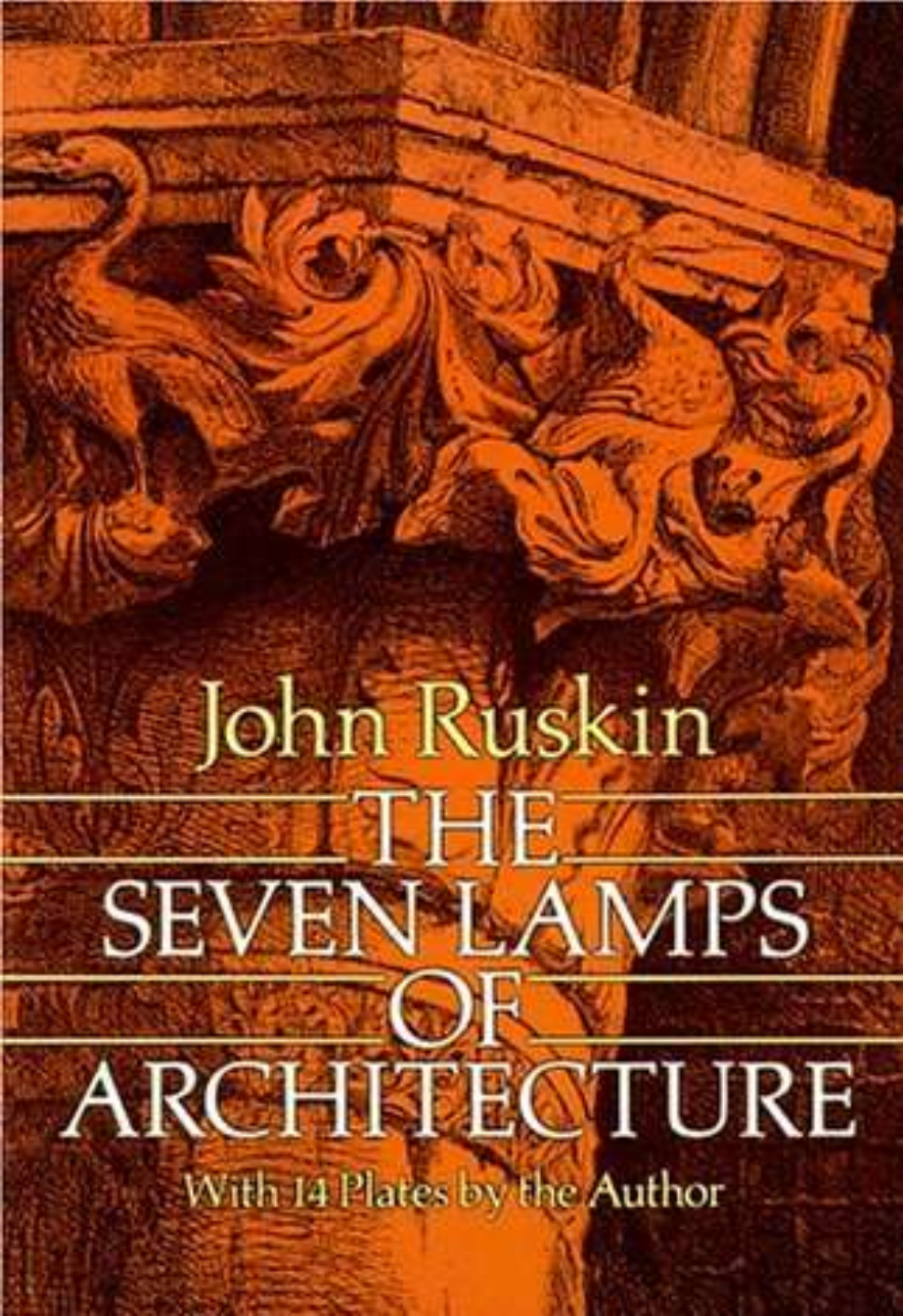


John Ruskin
THE
SEVEN LAMPS
OF
ARCHITECTURE

With 14 Plates by the Author

*“Todas as leis práticas representam leis
morais.”*

(As Sete Lâmpadas da Arquitetura, AFORISMO 2)



John Ruskin
THE
SEVEN LAMPS
OF
ARCHITECTURE

With 14 Plates by the Author

“Todas as leis práticas representam leis morais.”

(As Sete Lâmpadas da Arquitetura, AFORISMO 2)

“Arquitetura é a arte que de tal forma dispõe e adorna os edifícios construídos pelo homem, para quaisquer usos, que a sua visão possa contribuir para a sua saúde mental, poder, e prazer.”

(A Lâmpada do Sacrifício, § 1)



“... nossa consciência de que trata-se da obra do pobre, desajeitado, laborioso homem” (A Lâmpada da Verdade, § XIX).



“... nossa consciência de que trata-se da obra do pobre, desajeitado, laborioso homem” (A Lâmpada da Verdade, § XIX).

“... pois não é o material, mas a ausência de trabalho humano, que torna o objeto sem valor.”

(A Lâmpada da Verdade, § XX).



“...deve haver, nesta arte magnificamente humana da arquitetura, alguma expressão equivalente ao sofrimento e fúria da vida, à sua tristeza e seu mistério ...” (A Lâmpada do Poder, § XIII)

Pois, de fato, a maior glória de um edifício não está em suas pedras, ou em seu ouro. Sua glória está em sua Idade, e naquela profunda sensação de ressonância, de vigilância severa, de misteriosa compaixão, até mesmo de aprovação ou condenação, que nós sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade.

[A glória do edifício] ... Está no seu testemunho duradouro diante dos homens, no seu sereno contraste com o caráter transitório de todas as coisas, na força que - através da passagem das estações e dos tempos, e do declínio e nascimento das dinastias, e da mudança da face da terra, e dos contornos do mar - mantém sua forma esculpida por um tempo insuperável, conecta períodos esquecidos e sucessivos uns aos outros, e constitui em parte a identidade, por concentrar a afinidade, das nações. (A Lâmpada da Memória, Aforismo 30)



“Até hoje, a atração das mais belas cidades [da Itália e da França] reside não na riqueza isolada de seus palácios, mas na decoração requintada e cuidadosa das menores moradias de seus períodos de maior esplendor.

[...] Uma das mais interessantes peças da arquitetura do século XV no Norte da Itália é uma pequena casa numa rua secundária, atrás da praça do mercado de Vicenza...



Foto: Beatriz M. Kuhl

*...ela ostenta a data de 1481, e o lema,
Il n'est rose sans épine...*



... ela também possui apenas um piso térreo e dois andares, com três janelas em cada, separados por uma rica decoração floral... [...]



...os [balcões] laterais por grifos alados apoiados em cornucópias. A idéia de que uma casa precisa ser grande para poder ser bem construída é de origem inteiramente moderna... (A Lâmpada da Memória, § V)



A terra é um legado inalienável, não uma propriedade. (A Lâmpada da Memória, Aforismo 29)

Rochedos de Lanfon, Lago Annecy, 1863

“A idéia de auto-renúncia em nome da posteridade, de praticar hoje a economia em nome de credores que ainda não nasceram, de plantar florestas em cuja sombra possam viver nossos descendentes, ou de construir cidades para serem habitadas por futuras nações, nunca, creio eu, inclui-se de fato entre os motivos de empenho publicamente reconhecidos. Todavia, esses não deixam de ser nossos deveres; nem será nosso quinhão sobre a terra adequadamente mantido, se o escopo de nosso pretendido e deliberado proveito não incluir apenas os companheiros, mas também os sucessores de nossa peregrinação. Deus nos emprestou a terra para nossa vida; é uma grande responsabilidade. Ela pertence tanto àqueles que virão depois de nós, e cujos nomes já estão escritos no livro da criação, como a nós; e não temos direito, por qualquer coisa que façamos ou negligenciemos, de envolvê-los em prejuízos desnecessários, ou privá-los de benefícios cujo legado nos compete.”

(A Lâmpada da Memória, § IX)

“A assim chamada Restauração é a pior forma de destruição”.

(A Lâmpada da Memória, Aforismo 31)

“De destruição mais arbitrária ou ignorante [do que a restauração] é inútil falar; minhas palavras não atingirão aqueles que as cometem, e mesmo assim, ouvido ou não, não posso deixar de declarar essa verdade: que a nossa opção por preservar ou não os edifícios dos tempos passados não é uma questão de conveniência ou de simpatia. Nós não temos qualquer direito de tocá-los. Eles não são nossos”.

(A Lâmpada da Memória, § XX)



Castelo de Pierrefonds, França.
Restaurado por Viollet le Duc.

“Nem pelo público, nem por aqueles encarregados dos monumentos públicos, o verdadeiro significado da palavra restauração é compreendido. Ela significa a mais total destruição que um edifício pode sofrer: uma destruição da qual não se salva nenhum vestígio: uma destruição acompanhada pela falsa descrição da coisa destruída.”

“O primeiro passo para a restauração (já o testemunhei várias vezes – no Batistério de Pisa, na Casa d’Oro em Veneza, na Catedral de Lisieux,) é despedaçar a obra antiga; o segundo, usualmente, é erquer a imitação mais ordinária e vulgar que possa escapar à detecção, mas em todos os casos, por mais cuidadosa, e por mais elaborada que seja, sempre uma imitação...”

(A Lâmpada da Memória, § XVIII)

“Não nos deixemos enganar nessa importante questão; é impossível, tão impossível quanto ressucitar os mortos, restaurar qualquer coisa que já tenha sido grandiosa ou bela em arquitetura. Aquilo [que constitui] a vida do conjunto, aquele espírito que só pode ser dado pela mão ou pelo olhar do artífice, não pode ser restituído nunca. Uma outra alma pode ser-lhe dada por um outro tempo, e será então um novo edifício; mas o espírito do artífice morto não pode ser invocado, e intimado a dirigir outras mãos e outros pensamentos.” (pp. 79-80)

(A Lâmpada da Memória, § XVIII)

“Cuide bem de seus monumentos, e não precisará restaurá-los. Algumas chapas de chumbo colocadas a tempo num telhado, algumas folhas secas e gravetos removidos a tempo de uma calha, salvarão tanto o telhado como as paredes da ruína. Zele por um edifício antigo com ansioso desvelo; proteja-o o melhor possível, e a qualquer custo, de todas as ameaças de dilapidação. Conte as suas pedras como se fossem as jóias de uma coroa; coloque sentinelas em volta dele como nos portões de uma cidade sitiada; amarre-o com tirantes de ferro onde ele ceder; apóie-o com escoras de madeira onde ele desabar; não se importe com a má aparência dos reforços: é melhor uma muleta do que um membro perdido; e faça-o com ternura, e com reverência, e continuamente, e muitas gerações ainda nascerão e desaparecerão sob sua sombra. Seu dia fatal por fim chegará; mas que chegue declarada e abertamente, e que nenhum substituto desonroso e falso prive o monumento das honras fúnebres da memória.”

(A Lâmpada da Memória, § XIX)



“Trata-se de conservar duas grandes relíquias, que compensam a falta absoluta de qualquer importância, estreitamente utilitária, com o incalculável valor histórico que lhes advém das nossas mais remotas tradições.

Compreende-se, porém, que tais reparos tendam apenas a sustar a marcha das ruínas. Quaisquer melhoramentos ou retoques, que se executem, serão contraproducentes, desde que o principal encanto dos dois notáveis monumentos esteja, como de fato está, na sua mesma vetustez, no aspecto característico que lhe imprimiu o curso das idades.”

Memória justificativa da vistoria realizada por Euclides da Cunha para o IHGB nos Fortes de Bertioga (1904).



O ideal em arquitetura doméstica não é essa casa de aspecto eternamente novo, reluzente, lustrada, polida, que parece gritar-nos: 'Cuidado, não me toquem! Cuidado com a tinta!' Não... longe disso. A verdadeira casa é aquela que se harmoniza com o ambiente onde situada está, que tem cor local; aquela que nos convida, que nos atrai, e parece dizer-nos: Seja bem vindo!

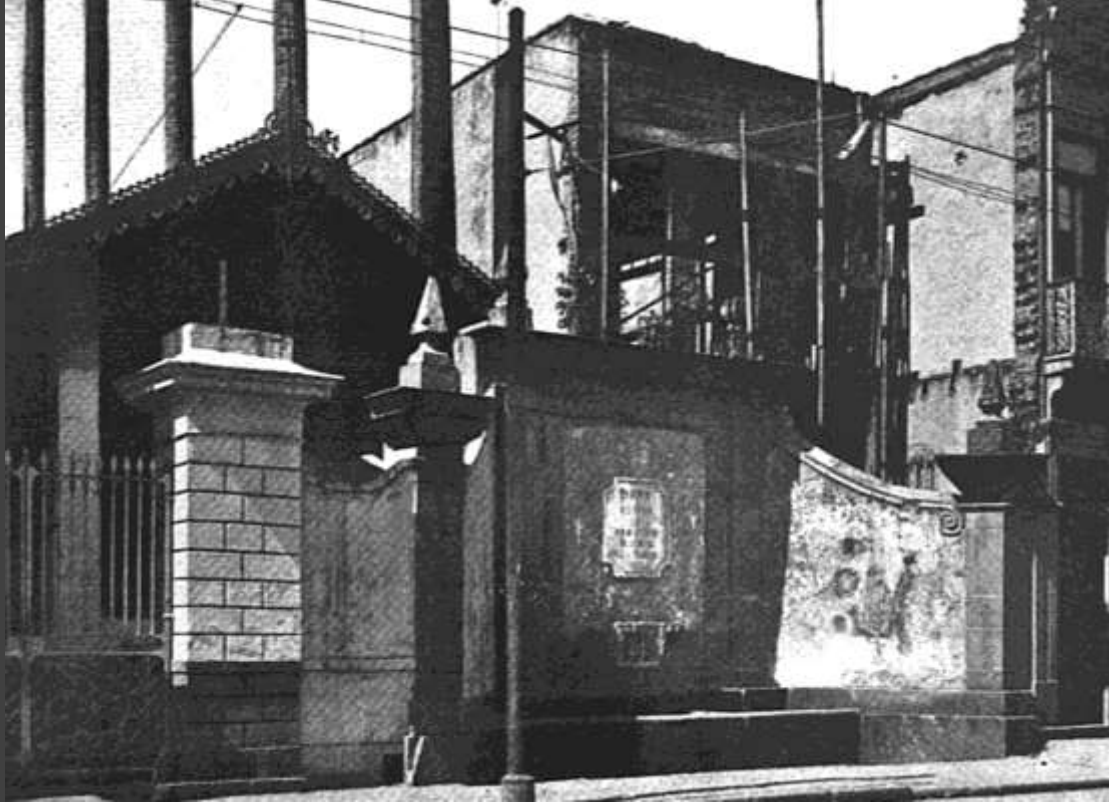
COSTA, Lucio. A Alma dos Nossos Lares. *A Noite*, 19/03/1924.

“Alguns reclamam que, para compor a arquitetura monumental de uma cidade moderna, são necessários os moldes clássicos consagrados das obras-primas da humanidade, aplicando cada arquiteto o estilo a que o seu talento pode dar mais intensa expressão artística; essa deveria ser a fonte da inspiração - a arte é universal e não nacional. Mesmo quando seja justa esta maneira de ver, há que ponderar que o caráter de uma cidade não lhe é dado pelos seus monumentos, colocados em pontos dominantes, grandes praças ou lugares históricos. Ligam esses locais as ruas e avenidas, marginadas por casas de variado destino; e são estas que dão a característica arquitetônica da cidade; com efeito, o monumento é uma exceção, a casa é a nota normal da vida quotidiana do cidadão, é como uma lápide epigráfica da sua ascendência e da sua história.”

SEVERO, Ricardo. *A arte tradicional do Brasil*. 1916, pp. 79-80.

“Não modifica a feição duma cidade brasileira que lhe seja a catedral de estilo gótico. A justificativa da nossa estaria nas próprias palavras do Sr. Ricardo Severo, apóstolo do estilo neocolonial, quando diz: ‘o caráter duma cidade não lhe é dado pelos seus monumentos, colocados em pontos dominantes, grandes praças ou lugares históricos. Ligam esses locais as ruas e avenidas marginadas por casas de variado destino, e são estas que dão a característica arquitetônica da cidade’.”

ANDRADE, Mário. *Arte religiosa no Brasil - Em Minas Gerais*. **Revista do Brasil**, julho de 1920.



“Para simular um amor que não existe, lançam mão da escova e dos cáusticos, com que inutilizam as pátinas, preciosa colaboração do tempo. Exemplo vivo desse sacrilégio é o soberbo monumento de D. Pedro I, que, de vez em quando, é violentamente esfregado, para em seguida serem os seus dourados avivados com o fatídico ouro banana!...

Outro caso irritante é o do chafariz da rua do Riachuelo. A gravura que acompanha esta crônica, melhor que nós, descreve o crime. Como se vê, tentaram edificar, por trás do chafariz, um prédio de construção ordinária; as obras foram sustadas; porém as paredes lá ficaram como atestado vivo, à espera de uma autoridade menos escrupulosa que permita a consumação da ignomínia.”

MATTOS, Adalberto de. *Chafarizes do Rio de Janeiro. Ilustração Brasileira* 10, jun 1921.



Forte de Bertioga, SP, em 2013.

